

OFICINAS ARTÍSTICAS NA UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A QUALIDADE DE VIDA DE IDOSOS

ARTISTIC WORKSHOPS IN THE OPEN UNIVERSITY FOR SENIORS: CONTRIBUTIONS TO THE LIFE'S QUALITY OF ELDERLY

BALDIN, Talita¹

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina²

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência de extensão universitária com oficinas artísticas na Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Irati – PR). Ao longo de dois anos e meio de experiência extensionista, foram desenvolvidas diversas atividades com teatro e música, cujo ponto máximo da intervenção foi a criação e apresentação de um esquete teatral pelas participantes da oficina. O resultado é considerado positivo, uma vez que vem ao encontro de considerações de diversos autores que apontam para a necessidade de romper com o ideário de uma velhice inativa quando ela é vivida em grupos de convivência. Da mesma forma, as oficinas artísticas foram significativas para corroborar estas conclusões, assim como permitiram que as participantes visualizassem sua criação e ficassem satisfeitas com os resultados, acreditando em suas potencialidades. Assim, projetos deste teor surgem como uma alternativa interessante para manutenção da qualidade de vida da comunidade idosa.

Palavras-chave: Universidade Aberta para a Terceira Idade. Envelhecimento. Teatro. Música. Idosos.

ABSTRACT

This article presents an experience of university extension with artistic workshops in Open University for Seniors (UATI) from the State University of Center-West (Irati – PR). Over two and a half years of extension experience, various activities about theater and music were developed and the most important point of this intervention was the creation and presentation of a skit submitted by the workshops' participants. The result is considered positive, since it is in accordance with considerations of many authors who detach the need to break up with the idea of an inactive elderly when it is lived in interaction groups. Likewise, the artistic workshops were meaningful to corroborate these research findings, as well as they allowed the participants to visualize their creation and to be satisfied with the results, thereby believing in their potentials. Thus, projects of that nature seem to be an interesting alternative to the maintenance of the elder community's quality of life.

Keywords: Open University for Seniors. Ageing. Theater. Music. Elderly.

¹ Psicóloga. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. E-mail: talitah_0507@yahoo.com.br

² Professora da Universidade Centro-Oeste (UNICENTRO), Brasil. Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Brasil. E-mail: claudiamagnabosco@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de dois anos e meio de experiências e reflexões oriundas da participação das autoras em oficinas de teatro e eventos promovidos na Universidade Aberta para a Terceira Idade (UATI), Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO – Irati/PR) e na coordenação deste projeto permanente de extensão. Ainda, buscou-se engendrar novas formas de pensar a velhice, direcionando o olhar para a educação, tendo por instrumento oficinas de teatro e apresentações artísticas para/com a população mais envelhecida. Os assuntos envolvidos abarcam a Universidade para a Terceira Idade, o teatro, o envelhecimento humano e as finalidades e cuidados da extensão universitária com relação ao trabalho desenvolvido com a comunidade.

Pretende-se aqui apresentar parte das práticas desenvolvidas nas oficinas de teatro e nas atividades da UATI, juntamente com as reflexões das autoras, fruto das vivências, observações e pontuações dadas na relação com os participantes da UATI em variadas ações extensionistas provocadoras de encontros no espaço da universidade.

O CONTEXTO BRASILEIRO: A POPULAÇÃO IDOSA E AS UNIVERSIDADES ABERTAS PARA A TERCEIRA IDADE

Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2010) demonstram que a expectativa de vida da população brasileira tende a aumentar gradativamente, já que em 2012 a média de vida ficou em 74,6 anos e a projeção para 2060 é de que possa chegar a 82,8 anos de idade. Com isto, espera-se que, em breve, o Brasil venha a ser um país de velhos, sendo que a legislação brasileira considera idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2004).

Os dados apresentados fazem pensar na necessidade do desenvolvimento de políticas e estratégias que lidem com os efeitos do fenômeno do envelhecimento populacional e do envelhecimento individual, processo repleto de mudanças de ordem física, psicológica e social que se acentuam e se tornam mais evidentes ao longo do desenvolvimento do sujeito (NERI; FREIRE, 2000).

Com relação às características comuns ao envelhecimento, encontra-se presente no ideário social que a pessoa idosa esteja fadada a um acúmulo de desgastes ao envelhecer. Muitos são os autores que se debruçam em estudar as concepções do fenômeno para distintas populações. Especificamente tratando do pensamento social, Torres (2010) verifica que, além da sabedoria e experiência, ao aposentar-se³, restava ao sujeito poucas boas perspectivas para a nova fase em que adentrava, valorizando-se muito mais o lado negativo, que seria a perda do trabalho.

Outros autores (VENTURI; BOKANY, 2007; SANTOS; SÁ, 2000; STUART-HAMILTON, 2000) perceberam em seus estudos que o envelhecimento ainda está muito ligado socialmente a noções de desgaste, dependência física, enfraquecimento e diminuição das capacidades funcionais do organismo, fatores determinados por doenças ou debilidades físicas como limitação de memória, audição, visão e capacidades neuronais.

Acrescentado a isso, os aspectos psicossociais relacionados com o que comumente as pessoas entendem por envelhecer – desânimo, perda de vontade de viver e dependência emocional – também são negativos, advindos com o envelhecimento e potencializados na velhice, fase do desenvolvimento humano que o idoso vivencia. Ou seja, apesar das diferentes formas de se pensar e conforme sua faixa etária, de forma geral, as pessoas entendem o envelhecimento sob um prisma negativo, embora apontem potencialidades, como a possibilidade de maturação, e acréscimo de competências, como a capacidade de

³ Vale ressaltar que, conforme os idosos que Torres (2010) entrevistou, aposentadoria é praticamente sinônimo de velhice.

resolver problemas práticos e questionar situações da vida real, advindos com experiências já vividas; ainda destaca-se a conquista de maior tempo livre, proteção familiar e direitos sociais, frutos das garantias das políticas públicas à população mais envelhecida (TORRES, 2010; VENTURI; BOKANY, 2007; SANTOS; SÁ, 2000; STUART-HAMILTON, 2000).

Compreende-se nesse texto que tanto o envelhecimento quanto a velhice em si estão permeados por aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Assim como Gaglietti e Barbosa (2007), acredita-se que não se pode considerar a idade como uma condição natural, mas atrelada a outros aspectos que não somente os biológicos e fisiológicos, tampouco se pode caracterizar a velhice a partir de dados naturais, como se possuísse uma idade específica. Seria, a velhice, então, a última fase do ciclo vital e, assim como o envelhecimento, ela é caracterizada socialmente por inúmeros declínios biopsicossociais muito ligados a doenças e limitações; porém, também é um momento em que se é possível adquirir novos papéis sociais (RODRIGUES; SOARES, 2006).

Nas universidades, os programas de extensão destinados à prestação de serviços ao público idoso surgem a partir da preocupação frente ao envelhecimento populacional e às necessidades que isto tem representado. Conforme Veras e Caldas (2004), as Universidades para a/da Terceira Idade (UATIs, denominadas ainda de UNATIs, UNITIs, UTIs e/ou equivalentes,) vêm expandindo-se quali e quantitativamente desde 1970, representando uma das estratégias mais elaboradas e incentivadas para a atenção integral ao idoso, devido a seu caráter multidisciplinar e de baixo custo. Logo, o atendimento em tais locais abarca, além da manutenção do idoso na sociedade, também aspectos concernentes à sua saúde mental e física. Assim sendo, as UATIs representam um dos possíveis espaços que favorecem a construção de novos papéis sociais para o sujeito idoso, bem como são facilitadoras para se repensar a velhice.

De acordo com Cachioni (2003), há ao menos cinco vantagens na implantação e manutenção das Universidades para Terceira Idade: elas possibilitam o contato intergeracional; criam oportunidades para a universidade avaliar suas práticas e metas educacionais ao atuar com o idoso; referem-se a um espaço para percepção de novos problemas de pesquisa; criam outros focos de atenção e pesquisa aplicada, voltando-se para a educação, mas também saúde, lazer, atividade, produtividade, cidadania, dentre outros aspectos; e incentivam e realizam pesquisas sobre as características das instituições que atendem aos idosos, sendo capazes de investigar suas próprias ações. A autora é enfática ao afirmar que é urgente e necessário investimento na qualificação de profissionais para a educação de idosos, para a interação de diferentes gerações de professores e suas concepções de educação e de velhice.

Ressalta-se, assim, que as UATIs estão vinculadas a instituições de ensino superior públicas e privadas, geralmente geridas por docentes, com participação de discentes, estagiários e funcionários e envolvendo inúmeros cursos de graduação. Conforme Veras e Caldas (2004), foram contabilizados cento e cinquenta programas deste teor no início dos anos 2000, números que possivelmente no momento estejam ampliados. Geralmente, as UATIs possuem variados projetos de extensão que permitem seu funcionamento, contemplando o objetivo de proporcionar aos idosos a manutenção de qualidade de vida sem, no entanto, assumir postura assistencialista, desaconselhável na extensão universitária.

Logo, as UATIs e equivalentes, atreladas à extensão universitária, constituem uma

via de mão dupla entre universidade e sociedade, sendo que ao mesmo tempo em que instituição de ensino superior oferta serviços à população mais envelhecida, com atividades direcionadas por docentes e estagiários da universidade, envolvem os idosos com o compromisso de se manterem ativos na sociedade. Ansara e Dantas (2010) relatam sua experiência com intervenção psicossocial na comunidade, apontando que, em geral, o poder público cria seus projetos e estratégias sem diálogo com a população, muitas vezes tratando-se de ações assistencialistas. Em seu trabalho e na forma como é idealizada a extensão universitária, diálogo e participação são essenciais para envolver as pessoas em um compromisso coletivo.

É neste sentido que se acredita que deveriam ser construídas as UATIs, justamente porque representam a ligação entre comunidade e universidade, ligando o saber comunitário ao saber científico. Encontrar um ponto de articulação entre ambos é essencial para o bom funcionamento dos projetos e programas de extensão. Dito isso, considera-se que a extensão universitária permite a construção de novos papéis sociais, porque favorece tanto os profissionais e estagiários que atuam nas UATIs, quanto os idosos que saem de suas casas para delas participarem e serem protagonistas sociais.

As oficinas artísticas tem sido uma das formas de atuar com idosos em UATIs. Justificando seu trabalho, Giglio (2007, p. 83) observa que, com o decorrer do envelhecimento, atividades relacionadas à arte criam espaço importante para expressão de sentimentos, impedindo que a pessoa idosa fique “confinada a uma roda social estritamente familiar ou grupos etários, que traz empobrecimento lamentável para a pessoa e a comunidade”. As oficinas artísticas, então, seriam uma forma de romper com o ideário social que deposita sobre a pessoa idosa noções de desgaste, enfraquecimento e diminuição das capacidades funcionais do organismo, fatores determinados por doenças ou debilidades físicas, assim como pelo decréscimo de condições psicossociais, como as discutidas acima (VENTURI; BOKANY, 2007; SANTOS; SÁ, 2000; STUART-HAMILTON, 2000).

Visando promover qualidade de vida é que Veras e Caldas (2009) apontam para a necessidade de ofertar aos idosos atividades que possuam relevância social ao mesmo tempo em que atendam aos seus interesses, considerando suas trajetórias de vida. Logo, no trabalho desenvolvido pelos autores, “houve preocupação explícita de não incluir no projeto ações com o intuito exclusivo de ocupar o tempo livre do idoso ou de tratá-lo como pessoa incapaz de aprender novas habilidades e adquirir novos conhecimentos” (VERAS; CALDAS, 2004, p. 424). Considera-se até mesmo que atividades com este cunho favoreçam a construção e potencialização de concepções de velhice muito mais socialmente ativas e produtivas em relação aos padrões concebidos até então, o que anteriormente denominou-se de novos papéis sociais.

Outra autora, Azambuja (2005), relata suas experiências com oficinas de criação em uma UNATI no Rio de Janeiro. Lá ela observou nos participantes a inflexibilidade e o conformismo cristalizados através da repetição de padrões antigos de comportamento, além das dificuldades de mudanças que tendiam a se solidificar sem estímulos que proporcionassem o oposto. Por meio de seus resultados, que mostraram a flexibilização das condutas dos participantes das oficinas no decorrer do processo, a autora acredita que a arte se faz presente como uma tentativa de amenizar ou anular os sentidos negativos do envelhecer. Logo, não se traria apenas de prazer, mas também de novas expectativas e oportunidades, já que engloba a produção de ideias raras e a resolução de problemas por maneiras incomuns, gerando novas alternativas que os próprios idosos criam diante dos desafios. A velhice passa a ser um período interessante para descobertas e renovações que permanecem inertes e ignoradas devido à falta de estímulos e oportunidades nos anos anteriores (VENTURI; BOKANY, 2007).

Azambuja (2005) defende ainda que o exercício da criação (o ato de produzir, de dar forma a algo novo) pode ser visto como uma maneira de levar os idosos a novos interesses e perspectivas de vida, aliados ao aumento da qualidade de vida e da saúde, pois é uma atividade que envolve pensamentos, fatos e o desenvolvimento de percepções do indivíduo acerca de si mesmo e sobre o mundo que o cerca.

Diversas são as modalidades artísticas que podem ser trabalhadas com idosos em uma UATI, sendo alvo deste trabalho as oficinas de teatro. Para Stanislavski (1976), autor utilizado como referencial teórico e prático no decorrer das oficinas, esta forma de arte tem como preocupação a representação fiel do personagem de acordo com sentimentos e pensamentos familiares e reconhecidos socialmente pelo ator que o interpreta; logo, há estímulo da expressão do personagem a partir das vivências do próprio ator. Desta forma, isso pode ser visto como um auxílio para a resolução de conflitos do idoso na fase específica que está vivenciando, sem deixar de considerar as vivências de cada sujeito que venha a representar um personagem qualquer.

Assim, este trabalho é impulsionado pela busca da compreensão sobre o papel que o teatro tem assumido na vida dos idosos participantes da UATI da UNICENTRO (Irati – PR) e suas possíveis contribuições para a qualidade de vida deles. O instrumento para tais compreensões advém da experiência de ambas as autoras com as vivências e as oficinas de teatro e eventos na UATI referida.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um relato de uma experiência de dois anos e meio na extensão universitária com a Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO – PR), campus de Irati. Durante este período, foram desenvolvidas oficinas de teatro concomitantes a outras práticas, como da música, em períodos específicos. Além de um relato de experiência, as autoras aliam reflexões, fruto das vivências de ambas em seus respectivos papéis no supracitado contexto: enquanto ministrante de oficina e coordenadora do programa em vários espaços e atividades. Segue abaixo os três momentos distintos durante o período de desenvolvimento da oficina de teatro.

A UATI da UNICENTRO (Irati – PR) existe desde 1998 e atualmente possui atividades duas vezes por semana, com duração de três horas, no formato de oficinas desenvolvidas por docentes e acadêmicos de diferentes cursos e setores da universidade. Concomitantemente às oficinas semanais de espanhol, educação física, teatro, artesanato, entre outras, ocorrem sessões de cinema, eventos, viagens, projetos em entidades de Irati (PR), confraternizações e interações com a comunidade universitária e diferentes grupos de Terceira Idade da região.

Assim, os cerca de 50 idosos que frequentam a UATI participam de ações que ocorrem tanto nas dependências da UNICENTRO quanto em outros locais. Em geral, cada oficina tem duração de aproximadamente uma hora. Conjuntamente, coordenação e participantes preparam grandes eventos que permitem a integração com a comunidade universitária e outros grupos de Terceira Idade do município e região, como as “Olimpíadas de Integração da Terceira Idade”, a “Festa Junina”, o “Talentos da Primavera” e a “Comemoração ao Dia do Idoso”. Nestes eventos, o público participante chega a mais de 500 pessoas em momentos de convivência, lazer, troca de experiências e culturas, favorecendo a discussão coletiva de assuntos relevantes aos idosos e sua participação comprometida e cidadã na sociedade em que vive.

Na UNICENTRO (Irati – PR), os enfoques no momento são para a ligação do programa com as disciplinas da graduação, envolvendo diretamente o ensino, assim como a

realização de diferentes investigações, favorecendo ações de pesquisa; também destaca-se o desenvolvimento de projetos de extensão, dentro e fora da UATI, que objetiva a organização, divulgação e extensão de suas atividades para outros idosos, entidades ou comunidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de 2009, a primeira autora deste artigo ingressou em um projeto de extensão na UATI da UNICENTRO (Irati – PR), atuando em uma oficina de jogos dramáticos, na qual eram trabalhadas noções básicas de teatro, articuladas a um grande projeto que congregava várias ações extensionistas. Nesta oficina atuavam a primeira autora deste artigo, outro acadêmico-bolsista e uma docente coordenadora. Como era a primeira experiência dos acadêmicos com terceira idade e os participantes da UATI outrora já haviam tido oficinas do gênero, o semestre foi dedicado a conhecer o que os idosos já conheciam sobre as práticas teatrais e desenvolver jogos que valorizavam a concentração, locomoção pelo espaço cênico e técnicas vocais e corporais básicas.

No retorno ao ano letivo de 2010, a primeira autora permaneceu com a oficina no programa da UATI, mantendo a dinâmica de trabalho desenvolvido em 2009. Durante o primeiro semestre, pensou-se na possibilidade da união entre as oficinas de teatro e de música, visto que ambas ocorriam ao mesmo tempo e os idosos tinham dificuldades em optar por uma ou outra, prevalecendo o intercâmbio de participantes em ambas. Assim, no segundo semestre de 2010 surgiu uma oficina que unia teatro e música, envolvendo a primeira autora deste artigo, outro acadêmico-bolsista e a docente coordenadora do projeto, dirigindo atividades de noções básicas de teatro e de música e tendo como princípio norteador as propostas da UATI enquanto programa de extensão, as quais visam promover aos participantes alternativas para melhor se viver o envelhecer e a velhice, bem como repensar estes conceitos.

Durante o segundo semestre de 2010 buscou-se, com a articulação das oficinas de música e teatro, fortalecer as congruências que ambas as modalidades artísticas possuíam entre si, assim como possibilitar que os participantes, outrora somente de uma das oficinas, pudessem conhecer e aprofundar suas vivências com a outra modalidade. Por isso, esse período foi de experientiação e descoberta de novas formas de contato de cada idoso com a música e o teatro. Produziu-se, inclusive, uma apresentação musical com osicineiros, a qual foi exposta aos demais participantes da UATI, momento que será melhor detalhado abaixo. A oficina foi novamente ofertada em 2011, com a participação da primeira autora deste artigo e outro acadêmico-bolsista. Mantiveram-se os princípios da oficina do ano anterior, acrescentando-se exercícios mais complexos, desenvolvidos até o final de 2011.

Em todos os momentos das atividades, a predominância de participação feminina foi visível; quase não houve participação de homens nas oficinas de teatro e teatro e música, sendo que na própria UATI em questão inicialmente só havia a presença de um homem em 2010 e dois em 2011. Isso vem ao encontro de dados de Debert (1999) quando aponta que apenas cerca de 20% da participação em grupos de idosos é masculina. Muitas vezes é inexistente. Do ponto de vista da qualidade de vida, isso é muito significativo, visto que isso mesma autora percebe com seus estudos que homens e mulheres encaram a participação em grupos para a terceira idade de forma distinta: elas se mostram mais entusiasmadas com as atividades, enquanto eles demonstram aparentes reserva e indiferença. A frequência

dos participantes não era fixa, mas se manteve uma média de oito a dez idosos em cada encontro.

A vivência da arte na intimidade grupal

Como relatado acima, cada encontro era uma incógnita quanto aos seus participantes. Portanto, muitas atividades precisaram ser adaptadas, retiradas e inseridas no momento da oficina. Da mesma forma, era difícil pensar em atividades contínuas em encontros sucessivos, pois raros eram os idosos que participavam de todos os encontros no semestre ou mesmo em um mês. Do ponto de vista do teatro, a montagem de uma peça teatral parecia inviável.

A partir disso, foi criada uma estrutura para cada encontro de oficina. No ano de 2009, a ideia ainda não era muito clara para os responsáveis, verificando-se como um momento de experimentação que se começava a delinear e que consistiria, de fato, numa oficina artística com aqueles idosos. No entanto, com o desenvolvimento do processo, ficou claro que era necessária uma estrutura relativamente fixa para situar os participantes na sequência que constituía os encontros, bem como os compromissos que cada um possuía com a oficina, com o programa da UATI e com os companheiros de atividades.

No segundo semestre de 2010 foi estabelecido que se priorizaria a realização de técnicas e exercícios relacionados à música e ao teatro, com a mesma finalidade, haja vista a preocupação em preparar os encontros de forma contínua e coesa. Buscava-se, assim, utilizar em todas as aulas uma técnica de aquecimento vocal (o alongamento físico era realizado no horário anterior ao encontro, durante a oficina de educação física), um exercício simples de dramatização e outro exercício mais elaborado relacionado ora ao teatro, ora à música. Esta sequência foi mantida durante o ano de 2011.

Quanto ao referencial teórico, a oficina “Música (en)cena” priorizou a utilização de conhecimentos práticos, fruto da experiência dos coordenadores nas atividades específicas de música e de teatro. Muitos dos exercícios e técnicas utilizados na oficina precisaram ser adaptados para que pudessem ser desenvolvidos com o público em questão, haja vista algumas limitações físicas dos participantes, como dificuldades em caminhar e se abaixar, criando maior necessidade de atenção em relação à locomoção e movimentação. Tais características foram encontradas nos trabalhos desenvolvidos por Camarano (2004) referentes aos cuidados para com dificuldades de ordem motora, visual e auditiva, fruto do desgaste dessas habilidades aumentado com o decorrer do processo do envelhecimento.

Ressalta-se que embora sejam consideradas como dificuldades, em nenhum momento as peculiaridades de cada participante foram motivo para sua exclusão de qualquer atividade; ao contrário, mostraram-se como singularidades trabalhadas com o próprio grupo, sob o incentivo de que todos poderiam se ajudar para que um trabalho coletivo se fizesse possível. Tais constatações imprimiram as especificidades da oficina: era preciso selecionar as atividades que caberiam no trabalho com os idosos e adaptar em ato, quando possível, aquelas que não seriam diretamente acessíveis a todos.

As oficinas eram iniciadas com um aquecimento vocal, isto é, exercícios básicos para adequar e preparar as pregas vocais para o uso sem esforço desnecessário, assim como para obter melhor desempenho na vocalização de sons, com fins a melhorar a dicção (MACHADO, 1980). Posteriormente, utilizava-se um exercício que trabalhasse ora o corpo, ora a sonorização, visto que estas atividades exigem dos participantes doses de

concentração e percepção do seu corpo e do corpo do outro, a fim de se resgatar o espírito de coletividade, importante no trabalho com um grupo de idosos.

Esse contato é apontado por Zimerman (1997) como propiciador da reconstrução da identidade do sujeito e impulso para a recuperação de capacidades que podem ter sido, em partes, perdidas com o passar do tempo. Nesse sentido, compreende-se que a falta de atenção com que cotidianamente as pessoas tratam seus corpos torna os movimentos automáticos e os sujeitos perdem gradualmente a sensibilidade para perceberem a dimensão que abrange cada um de seus gestos, bem como aquilo que seriam capazes de fazer para além das atividades comuns em seu dia a dia.

O corpo do ator é uma das ferramentas usadas para que ele consiga expressar seu papel, acompanhado ou não pela voz. Assim, o corpo e sua expressão também podem se fazer presentes quando não é possível ou oportuna a utilização da voz. Conforme Machado (1980), é por meio do controle do corpo que se controla melhor as emoções e, assim, é permitido que haja representação mais natural do personagem, quando uma pessoa se propõe a ser ator ou atriz. Por isto, buscou-se incentivar os alunos, em alguns momentos, a trabalharem apenas com o corpo, embora se observasse a dificuldade que grande parte deles apresentava em agir sem a fala. Ou seja, mesmo quando solicitado para que não falassem, apenas entrassem em uma cena e por meio do corpo se colocassem nela, os participantes comumente expressavam em palavras o que fariam ou o que estavam fazendo, como se precisassem falar para coordenar a concretização de suas ações.

Ao perceber a relação que os participantes estabeleciam entre fala e ação/ expressão corporal, decidiu-se deixá-los livres para que se expressassem como desejassem, entendendo essa situação como uma especificidade, uma forma de expressão própria daqueles idosos e, de modo mais amplo, do próprio grupo. Assim, resgatam-se as considerações de Stanislavski (1976), o qual considera as vivências subjetivas de cada ator e atriz na construção de seu personagem, sendo o teatro a expressão fiel de um personagem determinado pela subjetividade de seu criador. Assim, questiona-se: o que poderia levar este grupo de idosos a necessitarem aliar o pensamento à fala e à ação?

Percebe-se que o próprio ato de representar indica uma concepção pessoal baseada nas experiências de cada ator e atriz. Neste caso, em se tratando de idosos, embora não seja privilégio desta população, as experiências vivenciadas pelo sujeito ao longo de seu curso de vida são fatores determinantes de suas ações em cada encenação desempenhada e permitem que o ator ou atriz crie o seu personagem conforme suas vivências e experiências pessoais. No esquete da oficina, o personagem não é pré-estabelecido, mas é construído enquanto o sujeito-ator experimenta gestos, ações, entonações e imprime nele suas próprias características e subjetividades.

O espaço das oficinas artísticas para idosos parece permitir que o sujeito confronte-se com a realidade e apoie-se em seu referencial existencial para criar outras possibilidades de romper com aquilo que é instituído, com o que lhe é já conhecido, podendo assim superar um envelhecer marcado apenas por perdas e deficit (AZAMBUJA, 2005; GIGLIO, 2007).

Seguindo esses exercícios, semanalmente era discutida, formulada e executada uma atividade mais elaborada ora no teatro, ora na música, de forma intercalada e com exigência de maior nível de criação, concentração e desenvoltura do participante. Dependendo do momento que o grupo vivenciava, eram inclusos exercícios de mímica,

improviso musical e/ou teatral, atividade de expressão da criatividade com colagens, letras de músicas ou fragmentos de textos teatrais, fotografia, argila, pintura e desenho; cada atividade era proposta conforme o que parecia ser necessário se trabalhar na grupalidade, cuja finalidade era proporcionar trocas artísticas e subjetivas.

Nesse sentido, era interessante ouvir os participantes dizerem que não gostavam de terminada atividade, que preferiam uma em detrimento a outra ou que pedissem permissão para trocar de oficina, já que o exercício daquele dia não estava agradando. Isto é entendido como importante, pois cada idoso está exercendo seu direito de escolha, direito em preferir uma a outra, em participar ou não participar naquele dia e, de forma mais ampla, de uma das oficinas ou de todas, uma semana em cada uma, etc., exercitando capacidades múltiplas. Tais considerações parecem estar de acordo com as finalidades dos grupos de convivência para idosos, conforme entendido por Daher e Debona (2010). Para estes autores, vivenciar o grupo efetivamente significa poder participar de atividades das mais diversas ordens, ao mesmo tempo em que seja possível desenvolver aquelas que se escolhe exercer (como práticas de lazer, por exemplo), administrando seu tempo e tomando decisões.

A espera pelo olhar do outro – o esquete teatral

Conforme observações dos resultados isolados de cada dia de oficina e da finalização do primeiro semestre do ano de 2010 como um todo, assim como daquilo que já havia sido construído pelos participantes da oficina de teatro e da oficina de teatro e música, acreditou-se na possibilidade da produção de uma peça teatral a ser apresentada na aula final do segundo semestre de 2010. A proposta foi recebida com entusiasmo pela maior parte da turma, embora algumas das participantes, neste momento o grupo era composto apenas por mulheres, tenham se mostrado descrentes, alegando já terem ensaiado outras peças no decorrer dos anos em que frequentaram a UATI, sem que nunca os ensaios tivessem vingado a ponto de permitir que apresentassem um resultado final aos demais participantes. No entanto, a maior preocupação era em conseguir produzir algo que não necessitasse da participação assídua das mesmas idosas, visto que, como relatado anteriormente, a rotatividade de participantes nas oficinas era um fator comum. Em meio a esta situação, a primeira autora deste artigo, que possuía experiência com teatro e dramaturgia, escreveu uma sequência de cenas formando um esquete teatral.

Conforme Pavis (1999), o esquete pode ser definido como:

uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga, aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos. (...) Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (no cinema e na televisão), da vida contemporânea. (PAVIS, 1999, p.143).

Foram ao todo quatro cenas pequenas que juntas totalizaram 15 (quinze) minutos de apresentação. As pequenas cenas vinham sucedendo músicas que as participantes trouxeram no decorrer dos encontros da oficina, as quais se tornaram ícones no Brasil entre as décadas de 60 e 80. As canções selecionadas foram *A Banda* (Chico Buarque de

Holanda), *Filme Triste* (Trio Esperança), *Lacinhos cor-de-rosa* (Celly Campello) e *Banho de Lua* (Celly Campello); as cenas, por meio de poucas frases, representavam uma possível continuação de cada uma das músicas, como se seus personagens ganhassem vida para além da música cantada, formando um diálogo.

A produção aconteceu em cada dia de oficina, sendo montadas as cenas em conjunto com o grupo participante. Foi possível unir as cenas do teatro com as músicas em um esquete-musical, que foi ao mesmo tempo interpretado e cantado pelas idosas, contando com o auxílio dos instrutores na produção e montagem das cenas e na apresentação final. Em todos os encontros do segundo semestre do ano de 2010, foram destinados os vinte últimos minutos para o ensaio da peça, nos quais os instrutores da oficina buscaram se colocar enquanto orientadores das atividades, embora abertos para que as participantes agissem representando seus papéis de acordo com sua subjetividade, a fim de alegrar, entristecer ou comover os espectadores, conforme a função de cada uma dentro do enredo do esquete.

O espetáculo foi apresentado na aula de encerramento do semestre para os demais participantes da UATI – estagiários, coordenadores e um pequeno público de acadêmicos ali presentes –, visto que as oficinas ocorreram nas dependências da universidade. As participantes representaram e cantaram, enquanto os instrutores da oficina as auxiliaram com a reprodução das músicas (cantando e tocando) no decorrer das cenas e com a organização do espaço. A apresentação se mostrou bastante satisfatória, representando um estímulo para todos os envolvidos com a oficina, que viram efetivamente seu trabalho resultando em algo apreciado pelos demais. Essas considerações vêm ao acordo com o que foi apontado por Giglio (2007) em sua experiência de trabalho com idosos, sendo que a satisfação de cada uma das participantes pôde ser efetivamente percebida tanto de forma direta, por meio de suas palavras, quanto indireta, pelo sorriso em seus rostos.

Nesse sentido, acredita-se ser possível pensar na arte, de fato, como uma possibilidade dos participantes continuarem criando enquanto vivenciam a velhice, ou seja, envelhecendo com prazer e qualidade de vida, justamente a proposta de ação das Universidades para a Terceira idade (VERAS; CALDAS, 2004; CACHIONI, 2003).

Vale ressaltar que as participantes desempenharam muito bem seus papéis, sendo fiéis ao trabalho iniciado com as técnicas teatrais no primeiro semestre do ano. Era evidente que se comprometiam com os pressupostos trabalhados em cada uma das oficinas, sendo que duas idosas permaneceram na oficina de teatro ao longo de todo o período (2009 a 2011), com presença marcante. Tais pressupostos tratam do compromisso subjetivo do ator para com seu personagem (STANISLAVSKI, 1976) e do sujeito para com a atividade que desempenha. Neste segundo tópico, acredita-se que cada idoso, ao se comprometer com a oficina, comprometia-se não somente com a coletividade que ela representava, mas com o próprio ser cidadão no contexto social, enquanto protagonista de suas atividades. Certamente, isso só foi possível porque a construção da apresentação aconteceu a partir do diálogo sem que nada fosse imposto, mas sim proposto, discutido e assumido coletivamente pelo grupo (ANSARA; DANTAS, 2010).

Da mesma forma, foi permitido problematizar o imaginário social que liga a velhice e o idoso aos comportamentos cristalizados e à inatividade e improdutividade. Estas ideias não se confirmam, uma vez que a produção artística se mostra uma atividade capaz de manter a autonomia e o protagonismo social de um idoso que continua se desenvolvendo enquanto vivencia a velhice (AZAMBUJA, 2005; GIGLIO, 2007). Trata-se, assim,

de romper com os comportamentos engessados por anos de trabalho que esses idosos dedicaram à família, ao trabalho formal e a outras tarefas e agora aproveitar atividades possibilitadas pelo maior tempo livre e os benefícios adquiridos com a aposentadoria (VENTURI; BOKANY, 2007); quebra-se, assim, como o próprio pensamento social que referencia a velhice como composto somente por perdas (TORRES, 2010; MAGNABOSCO-MARTINS; VIZEU-CAMARGO; BIASUS, 2009).

Destaca-se o comprometimento das participantes com cada passo de desenvolvimento da oficina que envolveu o teatro e a música. Acredita-se que realmente elas se sentiam pertencentes a aquele espaço. Houve especial interesse no que se referiu à apresentação, pois as oficineiras se mostraram interessadas em atuar ativamente da produção, opinando e trazendo de casa grande parte dos objetos de cena e figurinos utilizados, bem como se responsabilizando por aquilo que ficara a cargo de cada uma, quando acordado que assim o seria, como no caso dos adereços e figurinos que compuseram a interpretação dos personagens pelas atrizes.

A oficina parece ter alcançado o que Araújo, Coutinho e Carvalho (2005) consideram ser importante para o grupo de convivência: um espaço em que a cidadania é exercida pelos idosos, pois é ali que há efetivação de laços sociais e dos momentos de lazer compartilhados. O esquete teatral era das idosas, construído por elas; cada uma das participantes tinha consciência disto e se dedicou ao máximo em sua criação. Da mesma forma, para Debert (1999), o grupo representa qualidade de vida, porque o idoso mantém-se ativo na sociedade. Logo, a participação em grupo de convivência favorece uma velhice em que se pode praticar a autodeterminação, prevenir doenças e prolongar o tempo de vida, algo exaustivamente verificado nesta experiência extensionista.

O compromisso das participantes estendeu-se à assiduidade nos encontros e comprometimento com os acordos que, por se tratar de um grupo, precisaram ser tomados e cobrados coletivamente, como com relação a faltas e pequenos desentendimentos entre o grupo e do grupo com os instrutores da oficina.

Foi importante ainda poder verificar a apresentação do esquete como significativo para que todos pudessem notar que o grupo estava diante de situações mais elaboradas e complexas, dentro do teatro e da música, claramente rompendo com representação social construída em torno de um idoso que não produz mais e que não possui mais capacidades expressivas e artísticas tão desenvolvidas, conforme também percebem Debert (1999), Azambuja (2005) e Giglio (2007). No decorrer dos anos de trabalho, e com maior ênfase no segundo ano da oficina, isso foi colocado em xeque e culminou com a apresentação das participantes, aplaudidas em pé pelo público presente, o que representou para as idosas a valorização do que foi produzido e apresentado por elas. Efetivamente, foi permitido que elas se sentissem capazes de realizar algo útil a si e aos outros (GIGLIO, 2007), representando a valorização em se perceber capaz de realizar atividades que melhoram a autoestima e valorizam a identidade do idoso, muitas vezes abalada pelo preconceito e pelas representações negativas do envelhecer.

Após a apresentação do esquete, ao longo de todo o ano seguinte, a oficina recebeu continuidade, seguindo com os mesmos objetivos, incrementando ao repertório de atividades dramatizações de músicas indicadas pelas participantes e entendidas como importantes para a continuação do trabalho. E embora não se tenha conseguido organizar novamente a montagem de outra peça teatral, a ocasião permitiu aprimorar os exercícios já desenvolvidos e colaborar qualitativamente para a melhora na expressão artística de cada

uma das participantes da oficina ao longo de seus dois anos e meio de existência na UATI da UNICENTRO (Irati – PR).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o idoso participante de uma Universidade para a Terceira Idade conduz à problematização da própria concepção do que é ser idoso no contexto atual. De forma mais específica, considerando que o envelhecimento é um processo, envelhecer é se desenvolver, mesmo estando na velhice, questiona-se também como se desenvolve um idoso que se mantém em atividade social, que pertence a uma UATI ou a outras modalidades de grupos para a terceira idade. Estas questões apontam para a busca do próprio idoso em prol da manutenção de sua saúde e qualidade de vida.

Nesse sentido, pode-se citar um estudo de Rizzolli e Surdi (2010), que demonstra que, embora a principal motivação para que os idosos procurem um grupo de convivência geralmente seja a saúde, sua permanência nestes espaços está também ligada a novas concepções de envelhecimento e de velhice, que assumem significações muito mais positivas no grupo: noções compartilhadas por seus participantes e pela sociedade em geral de que um idoso que frequenta um grupo é muito mais ativo do que aquele que não o faz. Seria semelhante à distinção encontrada entre o “idoso ativo”, o participante de grupo, e o “velho inativo”, o não participante de grupo, verificados no estudo de Magnabosco-Martins, Vizeu-Camargo e Biasus (2009).

Ao finalizar as ações de extensão universitária de dois anos e meio de trabalho com o mesmo público e no mesmo local em que havia o desenvolvimento de práticas artísticas como foco, pôde-se conciliar os aprendizados da graduação e formação em Psicologia das autoras com os ideários da extensão universitária realizada com idosos em uma Universidade Aberta a este público. Possibilitou-se, ainda, (re)pensar e testar ações de educação gerontológica cada vez mais aproximadas às necessidades e peculiaridades daqueles que dela participam, construindo juntos um processo de ensino e aprendizagem significativo para todos os envolvidos.

As oficinas e atividades da UATI foram momentos de construção, trocas e escutas coletivas das experiências, pensamentos, sentimentos e desejos dos participantes. Para tanto, foi essencial a criação do espaço compartilhado das oficinas e nessa direção é importante compreender o papel da arte – neste caso, do teatro e da música – na vida do idoso, na expressão de sua subjetividade e intersubjetividade e, ainda, como instrumento para a elaboração das consequências advindas com o processo do envelhecimento, um processo que pode representar possibilidade de desenvolvimento de novas oportunidades psicológicas e existenciais, como as participantes experimentaram nas oficinas descritas.

Acredita-se que quando inserida em UATIs, embora não somente nestes locais, a arte pode se tornar uma alternativa de baixo custo a fim de construir com seus participantes novos interesses e perspectivas de vivências, aliados ao aumento da qualidade de vida e da saúde, justamente uma das maiores preocupações e propostas de programas voltados à atenção ao idoso, tais como as Universidades Abertas para a Terceira Idade.

Por fim, conclui-se que o trabalho com oficinas de teatro e de teatro e música aqui relatado mostrou-se bastante satisfatório, representando um estímulo tanto para instrutores e coordenadores das oficinas, dos projetos e do programa de extensão, quanto para as idosas participantes que viram efetivamente seu trabalho dando resultados e sendo apreciado pelos

demais através da apresentação de um esquete musical-teatral produzido e apresentado por elas. Considerando a velhice como uma fase do curso de vida em que efetivamente se é possível criar e continuar se desenvolvendo socialmente de forma ativa e utilizando-se das palavras de Augusto Boal – “para ser cidadão não basta viver em sociedade; é preciso transformá-la!” –, com suas atitudes e comportamentos, os idosos que participaram das oficinas têm modificado cotidianamente e gradualmente o contexto em que vivem a partir do momento em que se colocam como protagonistas de suas construções.

REFERÊNCIAS

ANSARA, S.; DANTAS, B. S. A. Intervenções psicossociais na comunidade: desafios e práticas. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 22, n. 1, 95-103, 2010.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. M. L. Representações Sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n.1, p. 118-131, 2005.

AZAMBUJA, T. Uma oficina de criação para a Terceira Idade. **Centro de Referência e Documentação sobre Envelhecimento da UnATI – UERJ**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, s./p., 2005. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. 2010. Disponível <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=176>. Acesso 27 mar. 2014.

_____. Estatuto do Idoso. **Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. 2004. Disponível em: <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/idoso_L10741.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.

CAMARANO, A. A. (org.) **Os novos idosos brasileiros: Muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

DAHER, D. V.; DEBONA, K. V. Reelaborando o viver: o papel do grupo no cotidiano de mulheres idosas. **Esc Anna Nery** (impr.), Rio de Janeiro, v. 14, n. 4: p. 670-676, out./dez. 2010.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. H. S. Que idade tem a velhice? **RBCEH**, Passo Fundo, v. 4, n. 2,

p. 136-148, jul./dez. 2007.

GIGLIO, Z. G. A criatividade e os caminhos: em busca do mapa no processo de envelhecimento. In: BRUNS, M. A. T.; DEL-MASSO, M. C. S. (orgs.), **Envelhecimento Humano** – diferentes perspectivas. Campinas: Alínea, 2007. p. 73-89.

MACHADO, M. C. **Biblioteca Educação é cultura: Teatro/ II**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; VIZEU-CAMARGO, B.; BIASUS, F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Univ. Psychol.** Bogotá, Colombia, v. 8, n. 3, p. 831-847, Sep-dic, 2009.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação: Qual a idade da velhice? In: _____ (orgs.) **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000, p. 07-19.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RIZZOLLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 225-233, 2010.

RODRIGUES, L. S.; SOARES, G. A. Velho, idoso e Terceira Idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1-29, 2006.

SANTOS, A. T.; SÁ, M. A. A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (orgs.) **E por falar em boa velhice**. São Paulo: Papirus, 2000, p. 91-100.

STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

STUART-HAMILTON, I. **A Psicologia do Envelhecimento: uma introdução**. 3ª ed. São Paulo: Artmed Editora, 2000.

TORRES, T. L. Pensamento Social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários. Florianópolis. 367 pags. **Doutorado em Psicologia** [tese]. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, A. L. (org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade**. São Paulo: Editora Educação Perseu Abramo, 2007, p. 21-30.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004.

ZIMERMAN, G. Grupos com idosos. In: ZIMERMAN, D. **Como trabalhar com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 331-342.



Artigo recebido em:
29/3/2014

Aceito para publicação em:
2/2/2015